Capítulo 3

Termo 1

O presunçoso

Que o presunçoso se julga digno de grandes coisas, sendo indigno delas.

Que o presunçoso é excessivo com respeito a si mesmo, mas não com respeito ao magnânimo.

Que os presunçosos são insensatos e ignorantes de si mesmos, porque se julgam dignos de bens mais do que são dignos.

Termo 2

Os cães

Que os cães não se alegram com o odor das lebres, mas com o alimento que lhes é apresentado pelo odor.

Termo 3

As carnes

Que as carnes bem digeríveis e leves, como as das aves, são saudáveis.

Termo 4

Calipso

Que Calipso advertia isto: mantém a nau longe da fumaça e da onda.

Termo 5

As causas

Que as causas parecem ser quatro, a saber: a natureza, a necessidade, a fortuna e o intelecto.

Termo 6

O citarista

Que, assim como tocando cítara alguém se torna citarista, assim, praticando ações justas, torna-se justo, e assim das demais coisas.

Termo 7

O cego

Que ninguém censurará o cego por natureza, seja por enfermidade seja por golpe, mas antes terá compaixão dele; aquele, porém, que se tornou cego pela bebida do vinho ou por alguma outra incontinência, todos certamente o repreenderão.

Termo 8

Os glutões

Que se chamam glutões os que enchem o ventre além da necessidade e tomam para si acima da quantidade que lhes é devida; e tais homens são muito bestiais.

Termo 9

A clavícula

Que "clavícula" se diz de modo equívoco: a que está sob o pescoço do animal e aquela com que se fecham as portas.

Termo 10

O deleite do alimento

Que o deleite do alimento é comum e natural, proveniente da natureza comum, porque todo homem apetece o alimento quando tem fome, e o líquido quando tem sede, e às vezes ambos.

Termo 11

A causa

Que, se ninguém é causa para si daquilo que é fazer o mal, assim também não o é daquilo que é fazer o bem.

Termo 12

A concausa

Que somos concausas dos hábitos das virtudes.

Termo 13

Sobre as circunstâncias

Que não é mau tratar das circunstâncias.

Termo 14

Da comparação

Da comparação do meio com os extremos e dos extremos entre si.

Termo 15

Da concupiscência

Que a concupiscência e a ira não são causa do involuntário.

Que a concupiscência é deleitável e triste, mas a escolha não.

Que nas concupiscências naturais poucos erram.

Que algumas concupiscências são comuns e outras próprias.

Que não é louvável deixar de seguir as concupiscências fracas e não perversas.

Que a concupiscência parece ter o caráter de pai e de amigos.

Que as concupiscências das coisas boas são louváveis, mas as das coisas torpes são censuráveis.

Que as concupiscências venéreas causam loucuras.

Que a concupiscência, assim que algo deleitável lhe é anunciado pelo sentido ou pela razão, tende à fruição.

Termo 16

Conselho

Que ninguém toma conselho sobre as coisas eternas, por exemplo, se o mundo é eterno, e sobre o lado e a diagonal, nem sobre as coisas em movimento que se comportam sempre do mesmo modo.

Que o conselho versa sobre as coisas realizáveis que estão em nosso poder.

Que nenhum dos lacedemônios toma conselho sobre o modo como os citas melhor se conduziriam.

Que o conselho não versa sobre certas disciplinas, por exemplo, de que modo se deve escrever com as letras.

Que o conselho versa sobre aquilo que é feito por nós, mas não do mesmo modo, como na prática da medicina, do comércio e da navegação.

Que o conselho versa mais sobre a navegação do que sobre a ginástica.

Que o conselho versa mais sobre as artes mecânicas do que sobre as ciências, pois a respeito delas duvidamos mais.

Que o conselho versa sobre aquilo que na maioria das vezes é incerto, e cujo desfecho se ignora; e quanto menos certo é algo, tanto mais há conselho a seu respeito.

Que o conselho não versa sobre as coisas pequenas, mas sobre as grandes, nas quais desconfiamos de nós mesmos como não sendo suficientes para discernir.

Que o conselho não versa sobre o fim, mas sobre aquilo que conduz ao fim; assim, o médico não toma conselho sobre a saúde, mas sobre como curar; e dá outros exemplos.

Que o conselho versa sobre aquilo que conduz ao fim, de que maneira e de que modo, e se por muitos meios ou por um só, e por qual deles se chega ao fim mais facilmente e da melhor forma.

Que aquele que toma conselho parece resolver o posterior no anterior, à maneira de um diagrama.

Que todo conselho é uma investigação, mas não reciprocamente.

Que, se o último ponto no conselho for impossível de realizar, desistimos dele; mas, se for possível, começamos a agir.

Que, nos conselhos, às vezes se buscam os instrumentos, como quando alguém busca um navio, às vezes a necessidade deles; e assim também nos demais casos, às vezes por qual meio, de que modo e por que causa.

Que o conselho versa sobre as coisas realizáveis pelo homem, pois o homem é o princípio de suas operações.

Que o conselho não versa sobre os singulares que se manifestam ao sentido, por exemplo, se é este o pão de que necessitamos, pois, se houvesse conselho sobre tudo, ele prosseguiria quase ao infinito.

Que o objeto do conselho e o objeto da escolha são o mesmo, quando o objeto do conselho está determinado.

Que o conselho versa sobre o futuro e sobre as coisas contingentes.

Que ninguém toma conselho sobre aquilo que não pode de outro modo ser.

Que é preciso tomar conselho por muito tempo, mas executar rapidamente o que se decidiu em conselho.

Termo 17

O conselheiro

Que o bom conselheiro é aquele que, segundo o raciocínio, é capaz de conjecturar o melhor entre as coisas realizáveis pelo homem.

Termo 18

Certeza

Que não se deve buscar a mesma certeza em todos os modos das ciências.

Termo 19

A ciência política

Que compete à ciência política determinar quais disciplinas, dentre o seu número, cada um deve aprender.

Que a ciência política tem sob si as mais preciosas dentre as artes, a saber, a militar, a econômica e a retórica.

Que os cidadãos enfrentam perigos por causa das repreensões que provêm das leis.

Que a ciência política se serve de todas as outras, impondo-lhes o que se deve fazer e do que se deve abster.

Que a ciência política visa tornar os cidadãos bons e obedientes às leis.

Que se diz que agem politicamente aqueles que operam acerca dos particulares.

Termo 20

Convergência

Sobre a convergência do intelecto especulativo e do prático, porque ambos versam sobre os extremos, e não sobre a razão.

Termo 21

Contínuo

Que em todo contínuo divisível é possível tomar isto como maior, aquilo como menor, e este outro como igual.

Termo 22

O continente

Que o continente, quando opera, permanece na razão, e o incontinente dela se afasta.

Que o continente, sabendo que as concupiscências são más, não as segue por causa da razão, mas o incontinente é vencido pela paixão.

Que o continente permanece na razão e o incontinente dela se afasta.

Que se diz continente aquele que vence as paixões pelas quais muitos são vencidos.

Que o continente é o meio-termo entre dois, dos quais uns se deleitam mais do que é preciso, e outros menos.

Que o continente e o temperado são capazes, por hábito, de não abandonar a ordem da razão por causa das paixões corporais.

Que o continente tem muitíssimas concupiscências, mas não é levado por elas; o temperado, porém, não as tem nem se deleita nelas.

Termo 23

Continência

Que a continência não é uma virtude, mas algo misturado.

Que a continência e a perseverança parecem ser próprias dos virtuosos e louváveis.

Que a continência e a incontinência, a temperança e a intemperança, ditas absolutamente, versam apenas sobre as paixões humanas.

Que a continência é mais desejável do que a perseverança, assim como vencer é melhor do que apenas conter-se.

Que a continência, sendo o meio-termo, está entre o número dos virtuosos.

Que a continência e a incontinência versam sobre o que excede o hábito de muitos.

Termo 24

O comer carvões

Que o comer carvões e terra e o jazer com homens, tudo isso acontece por causa de uma natureza perniciosa e do costume, e a estes não pertence propriamente a continência, visto que não são por si deleitáveis à natureza humana.

Termo 25

A cinta da cípria

Que a cinta da cípria é variegada.

Termo 26

Costume

Que o costume é difícil, porquanto se assemelha à natureza. Donde: a meditação prolongada permanece e, quando chega ao perfeito, torna-se natureza nos homens.

Termo 27

O concupiscível

Que o concupiscível e o apetível participam de algum modo da razão.

Termo 28

Contemplação

Que a contemplação da sabedoria é amada unicamente por si mesma, porque dela nada resulta senão o contemplar; mas nas coisas operáveis buscamos algo diverso, que adquirimos pela obra.

Que o contemplativo é o mais feliz.

Que o contemplativo, operando segundo o intelecto, é o mais amado por Deus.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:23:32 by Admin
Updated 17 October 2026 18:23:24 by Admin